



AVALIAÇÃO DE LESÕES DE DOENÇAS DO TRATO RESPIRATÓRIO DE SUÍNOS AO ABATE

Rayara Roberta de Souza Goularte¹, José Maurício Gonçalves dos Santos²

RESUMO: As doenças respiratórias que mais acometem os suínos são a rinite atrófica, a pneumonia enzoótica e a pleuropneumonia. A rinite atrófica tem evolução progressiva e crônica, caracterizada por atrofia dos cornetos nasais, desvio do septo nasal e deformidade do focinho. A pneumonia enzoótica é causada pela bactéria fastidiosa *Mycoplasma hyopneumoniae*, a elevada prevalência é o fato de que ela pré-dispõe os suínos à patógenos oportunistas. A pleuropneumonia é uma doença bacteriana, causada por *Actinobacillus pleuropneumoniae*, ela pode apresentar tanto manifestações clínicas severas, como se tornar crônica e subclínica na maioria dos rebanhos. O presente projeto tem como objetivo verificar a ocorrência de rinite atrófica, pneumonia enzoótica e pleuropneumonia em suínos abatidos na região do noroeste de Paraná. A avaliação das conchas nasais serão feitas por inspeção visual, classificando-se como normais, pequeno desvio da normalidade, atrofia definida e atrofia grave ou completa. Serão avaliadas também lesões necróticas dos pulmões e áreas de consolidação pulmonar. Espera-se desse projeto, verificar quais dessas doenças têm maior prevalência nos frigoríficos da região noroeste e identificar quais prejuízos econômicos essas patologias provocam.

PALAVRAS-CHAVE: Pleuropneumonia, pneumonia enzoótica, rinite atrófica.

1 INTRODUÇÃO

A suinocultura, no Brasil, é uma atividade organizada, presente em aproximadamente 50% das propriedades rurais existentes no país. No ano de 2009 a suinocultura no Brasil apresentou os seguintes dados: um rebanho total de 33,786 Milhões de Cabeças, um rebanho de matrizes de 2.467 Milhões de Cabeças, no abate se teve uma estimativa de 39.314 Milhões de Cabeças e as exportações giraram em torno de 545,6 Mil Toneladas que representa cerca de 17,0% da produção anual (ANUALPEC 2009).

Segundo SOBESTIANSKY, J; SESTI, L. (1998) a suinocultura brasileira vem, ao longo dos últimos anos, comportando-se de maneira similar ao que vem ocorrendo nos grandes centros produtores da América do Norte e Europa, ou seja, está ocorrendo uma rápida modernização e profissionalização do segmento. Sem dúvida, o objetivo final desta modernização é a produção de carne suína de altíssima qualidade que irá atender os mais exigentes mercados tanto a nível nacional quanto internacional. Neste contexto, a importância da presença ou ausência de determinados agentes infecciosos nesta unidade

¹ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – CNPq. rayara_roberta@hotmail.com

² Orientador, Professor Doutor do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. imgds@cesumar.br

de produção tem se tornado cada vez maior. A ocorrência de doenças em rebanhos suínos diminui a lucratividade da operação por causar despesas adicionais e por reduzir performance dos animais de reprodução e engorda. Além disso, a presença de determinados patógenos em rebanhos de suínos pode ter significado importante em termos de saúde pública em função da qualidade do produto final.

As doenças respiratórias continuam ocupando um lugar de destaque dentro dos complexos patológicos que afetam os suínos, devido à frequência e intensidade com que atingem os rebanhos, e devido às perdas econômicas que causam. Os animais doentes são facilmente detectados pelo suinocultor, por isso talvez ele pense que estes sejam os únicos acometidos pela(s) doença(s) respiratória(s). Em outras palavras, o suinocultor pode pensar que o restante dos animais de seu rebanho estão saudáveis. Entretanto, as doenças respiratórias podem existir em animais aparentemente saudáveis em níveis subclínicos, mas que economicamente são muito significativos. Para cada animal clinicamente doente existem 10 que possuem a doença em grau menor, mesmo que não seja aparente. Embora a doença nestes animais não seja suficientemente grave para causar sinais externos, continua sendo importante devido à queda no rendimento. As inspeções durante o abate podem ser usadas para determinar o nível de infecções subclínicas (SOBESTIANSKY, J. , 1998).

Algumas lesões do aparelho respiratório podem ser avaliadas e quantificadas em matadouros quanto à severidade, como por exemplo, nos pulmões (pneumonia) e nas pleuras visceral e parietal (pleurite) (SOBESTIANSKY, J. , 2001).

Assim esse trabalho tem como objetivo Verificar a ocorrência de rinite atrófica e de lesões pneumônicas compatíveis principalmente com a pneumonia enzoótica e pleuropneumonia em suínos abatidos na região do noroeste de Paraná.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Foram avaliados os suínos de duas granjas (A e B), durante o abate em um frigorífico na região noroeste do Paraná. Após o abate os pulmões foram retirados e avaliados individualmente, observando-se se havia presença de hepatização e em qual categoria de hepatização pulmonar se encontrava cada animal, para dessa forma poder se avaliar o índice de pneumonia de cada granja.

Em sequência foram avaliados os cornetos nasais. Para isso foram feitas secções transversais dos focinhos entre o primeiro e o segundo dentes pré-molares, utilizando-se a serra fita. As avaliações das conchas nasais foram feitas por inspeção visual, e foram classificadas como normais, pequeno desvio da normalidade, atrofia definida e atrofia grave ou completa.

Todos esses procedimentos foram acompanhados por um médico veterinário com experiência em avaliações patológicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nas avaliações do frigorífico estão nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Índice de Rinite Atrófica em suínos abatidos em um frigorífico na região de Maringá-PR (2010)

Grau de RA	Granja	Número de Animais	**Pontuação
0	A	1	0
	B	6	0
1	A	23	23
	B	63	63
2	A	1	2
	B	20	40
3	A	0	0
	B	2	6
Total	A	25	25
	B	91	109
*IRA	A	1,00	
	B	1,20	

* Índice de Rinite Atrófica

**Multiplicação do número de animais com o grau de RA em que os animais se encontram.

Interpretação dos valores obtidos no cálculo do Índice para Rinite Atrófica Progressiva (IPAP): 0: rebanhos livres de rinite atrófica progressiva; Até 0,50: rebanhos onde a rinite atrófica progressiva está presente, porém não constitui uma ameaça. Fica evidenciado que existe fatores de risco e, caso não corrigidos, a rinite atrófica progressiva pode evoluir e o índice atingir valores maiores; De 0,51 a 0,84: limiar da faixa de risco. A definição do risco destes rebanhos deve ser complementada com base na avaliação clínica e na performance; Acima de 0,84: caracteriza rebanhos onde a rinite atrófica progressiva é um problema, tanto maior quanto mais elevado for o índice (SOBESTIANSKY, J. , et al 2001).

Tabela 2 – Índice de Pneumonia em suínos abatidos em um frigorífico na região de Maringá-PR (2010)

Consolidação Pulmonar	Granja	Número de Animais	**Pontuação
0	A	16	0
	B	26	0
1	A	2	2
	B	30	30
2	A	4	8
	B	10	20
3	A	2	6
	B	11	33
4	A	1	4
	B	5	20
5	A	3	15
	B	6	30
6	A	2	12
	B	7	42
Total	A	30	47
	B	95	175
*IP		1,57	
		1,84	

* Índice de Pneumonia.

**Multiplicação do número de animais com o grau de Consolidação Pulmonar em que os animais se encontram.

Interpretação dos valores obtidos no cálculo do Índice para Pneumonia (IPP): Até 0,55: rebanho livre de pneumonia; De 0,56 a 0,89: rebanho onde a pneumonia está presente, porém, não constitui uma ameaça. Fica evidenciado que existem fatores de risco e, caso não corrigidos, a pneumonia pode evoluir e o índice atingir valores maiores; De 0,90 acima: representa situação ruim, com ocorrência grave de pneumonia, tanto maior quanto mais elevado for o índice (SOBESTIANSKY, J. , et al 2001).

4 CONCLUSÃO

Através desse trabalho foi possível concluir que tanto a granja A quanto a granja B apresentaram altos índices de Rinite Atrófica e Pneumonia, portanto é visível que os agentes causadores dessas doenças estão em uma grande prevalência na região noroeste do Paraná e que a população avaliada está desprotegida. Dessa forma os produtores devem rever as formas de prevenção para melhorar o desempenho e minimizar o custo de produção.

REFERÊNCIAS

ANUALPECN 2009: ANUÁRIO DA PECUÁRIA BRASILEIRA, P.253-265.

SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D.; MORES, N., *et al.*, **Clínica e Patología Suína**, 2. ed., p.353-362, 374–378, 1998.

SOBESTIANSKY, J.; *et al.*, **Monitoria Patológica de Suínos em Matadouros**, p.16-32, 2001.

SOBESTIANSKY, J.; *et al.*, **Pneumonia Enzoótica Suína: Prevalência, impacto econômico, fatores de risco e estratégias de controle**, p. 15.